

## SOCIABILIDADE E ESPAÇO

(As formas de organização geográfica das sociedades na era da Terceira Revolução Industrial – um estudo de tendências)<sup>1</sup>

Ruy Moreira<sup>2</sup>

e-mail: [ruymoreira@uol.com.br](mailto:ruymoreira@uol.com.br)

### RESUMO:

Este artigo apresenta uma contribuição para a discussão teórica sobre a relação homem-natureza a partir da aplicação do conceito de sociabilidade de Lukács, que vê a sociedade humana como um contexto relacional global, integrando as esferas inorgânica, orgânica e social num todo articulado pelo trabalho. Assim, defende que a sociabilidade acrescenta o sentido ontológico do meio geográfico que falta aos conceitos de gênero de vida (Vidal de Lablache) e meio técnico (Milton Santos). O texto relaciona os conceitos de gênero de vida, meio técnico-científico e meio técnico-científico e informacional com formas específicas da relação homem-natureza encontradas em diferentes períodos da história, constituindo distintos meios geográficos. Por fim, afirma que é tarefa da geografia refletir sobre a influência da financeirização da economia e da aplicação da técnica da engenharia genética na definição de formas espaciais na nova era técnica.

**Palavras-chave:** relação homem-natureza, teoria geográfica, sociabilidade, meio técnico e gênero de vida.

### ABSTRACT:

This article is an analysis of the geographic theory of relationship between men and nature, and supports the validity of the use of the concept of sociability according to Lukács in this context. This concept sees the human society as a global relational context that integrates the inorganic, organic and social spheres as a whole articulated by the work. It points out that sociability gives the ontological sense of the geographic space, that does not exist in the *genre de vie* (Vidal de Lablache) and technical space (Milton Santos) theories. It associates the concepts of *genre de vie*, technical scientific

---

<sup>1</sup> Texto de exposição realizada na mesa-redonda *Perspectivas da Geografia Latino-Americana no Século XXI*, como parte da programação do X EGAL (Encontro dos Geógrafos da América Latina), São Paulo-USP, março de 2005.

space and technical scientific and informational space with the specific forms of the relationships between men and nature existing throughout various historic periods and constituting different geographic spaces. Likewise, it considers that it is a geographic job to reflect on the influence of the expansion of the financial capital and of the genetic engineering technique in the definition of the spatial forms in the new technical era.

**Key words:** relationship between men and nature, geographic theory, sociability, technical space and *genre de vie*

Georg Lukács, terminada a *Estética*, obra com a qual tenta equacionar problemas do marxismo do século XX, surgidos em decorrência, dizia, da positivização e oficialização soviética de Marx, viu-se na necessidade de completá-la com uma obra alentada sobre a ética. Para tanto, vai, sem nenhuma preocupação com a distinção traçada pelos exegetas que dividiam a literatura marxiana em obras do jovem e obras do velho Marx, buscar os fundamentos de uma ética marxista nos textos de cunho mais filosófico, debruçando-se particularmente no *Manuscrito de 1844*. Aí, descobre uma ontologia, ignorada nas suas iniciações por Marx, que urgia desenvolver até seu estado maduro, antes de empreender o trabalho sobre a ética.

A releitura do *Manuscrito* com esse fim, leva-o à busca da formulação de uma nova categoria teórica capaz de adequar o conceito do trabalho à realidade dos modos de produção do presente, nascendo o seu conceito de sociabilidade (SILVA JÚNIOR e GONZÁLEZ, 2001; LESSA, 1997).

Influi no rumo desse conceito a crítica de Sartre, exposta no livro com que adere ao pensamento marxista, *Crítica da Razão Dialética*, em particular sua afirmativa de que “o ponto frágil do marxismo segue sendo a teoria do conhecimento”, fortalecendo a intenção de Lukács de retomada dos textos ontológicos de Marx, onde visa buscar, também, alternativas a uma preocupação de ordem geral com o pensamento, que supõe poder solucionar com o marxismo, justamente no campo da teoria do conhecimento. Incomoda-o a separação estabelecida entre as ciências naturais, as ciências humanas e as humanidades (letras, arte, etc), a esta altura transformada em três culturas separadas em si e por isso do homem. Fragmentação que avança em crescendo por dentro do

---

<sup>2</sup> **Ruy Moreira.** Doutor em Geografia Humana pela USP. Áreas de Interesse: Epistemologia, Teoria e Métodos da Geografia; Geografia da Fala e da Imagem; Geografia da Técnica, da Cultura e do Trabalho; Reestruturação Espacial.

próprio marxismo, numa positivização do marxismo que Lukács localiza já na *Dialética da Natureza*, em Engels.

Daí trazer para o centro do conceito da sociabilidade justamente a concepção de homem e natureza desenvolvida por Marx no *Manuscrito*, seja para dar conta das questões filosóficas e práticas que o incomoda no campo do marxismo, agravadas pela crítica de Sartre, seja para aprofundar a crítica do pensamento ocidental, cujas questões analisa desde suas obras iniciais.

Lukács chega a este conceito no mesmo momento, mas numa direção oposta, em que a intelectualidade, plural em suas origens e ideologias, chega ao conceito de meio ambiente e ao movimento político que com base neste se engendra. Uma investigação à parte seria o motivo dessa preocupação comum e ainda da diferença do conceito e do enfoque então dado por um (Lukács) e por outros (os ambientalistas) sobre a natureza e seu modo de presença na organização societária da sociedade capitalista do presente.

O propósito deste texto é sistematizar a sociabilidade – um conceito muito próximo do gênero de vida de Paul Vidal La Blache e do meio técnico de Milton Santos – como teoria geográfica e resumir por meio dela uma reflexão sobre as formas novas de espaço geográfico que se avizinham.

### **A Sociabilidade, o Gênero de Vida e o Meio Técnico como Teorias Socioespaciais**

A sociabilidade é um conceito que faz lembrar o de gênero de vida de Paul Vidal de Lablache e de meio técnico de Milton Santos, dois conceitos de ligações já em si evidentes, mas acrescentando-lhes o sentido ontológico do meio geográfico que lhes falta.

Os conceitos de sociabilidade, gênero de vida e meio técnico aproximam-se particularmente por intermédio de três componentes essenciais: o meio, a cultura técnica e a regulação institucional. O modo como estes três componentes estruturantes aparecem e se articulam difere aqui e ali nos três conceitos.

### **A sociabilidade**

A sociabilidade é o todo formado pela integração das esferas inorgânica, orgânica e social, realizada pelo metabolismo do trabalho e orientada no sentido do salto de qualidade da história natural da natureza (em que se inclui o homem-natureza) para a história social do homem (em que a “primeira natureza” se transfigura em “segunda

natureza”). É assim um conceito centrado no conceito do trabalho como princípio formador do homem (SILVA JÚNIOR e GONZÁLEZ, 2001; e LESSA, 1997, GIANNOTTI, 1983), o trabalho visto na sua acepção ontológica de processo de formação do homem, isto é, de hominização do homem pelo próprio homem através do trabalho, segundo a concepção de história de Marx.

Dito de outro modo, a sociabilidade é um conceito da sociedade humana vista como um contexto relacional global que integra a esfera inorgânica, a esfera orgânica e a esfera social num todo societário articulado pelo trabalho.

Duas formas essenciais de mediação amarram essa integração e o sentido ontológico do seu rumo. A primeira é a que se passa entre as esferas inorgânica e orgânica, conduzida e realizada pela esfera da vida (orgânica), consistente na incorporação do inorgânico pelo orgânico e sob o comando deste. A segunda é a que se passa entre as esferas inorgânica-orgânica, vistas unidas no conceito de natureza-sem-ohomem, e a esfera social, conduzida e realizada pelo processo do trabalho visto como pré-ideação, isto é, um ato consciente do homem no sentido da metáfora da abelha e do arquiteto de Marx, consistente na incorporação agora daquelas esferas pela socialização do homem, e sob o comando deste. A primeira é realizada pelo processo metabólico da fotossíntese, uma espécie de realização não-social do trabalho. A segunda, pelo processo metabólico do trabalho humano. O produto final é o homem genérico, o homem-espécie pleno, auto-realizado no mundo do inorgânico-orgânico-humano integralizado.

A primeira forma de mediação assim foi vista e compreendida por Humboldt, em seu conceito holístico da natureza, numa conhecida passagem do *Cosmos*:

Deve ser lembrado, entretanto, que a crosta inorgânica da terra contém dentro de si os mesmos elementos que entram na estrutura dos órgãos animal e vegetal. Por conseguinte, a cosmografia física seria incompleta se omitisse considerações dessa importância, e das substâncias que entram nas combinações fluidas dos tecidos orgânicos, sob condições que, em virtude de ignorarmos a sua natureza real, designamos pelo termo vago de “forças vitais”, grupando-as dentro de vários sistemas, de acordo com analogias mais ou menos perfeitamente concebidas. A natural tendência do espírito humano, involuntariamente nos impele a seguir os fenômenos físicos da Terra através de toda a variedade de suas fases, até atingirmos a fase final da evolução morfológica das formas vegetais, e os poderes conscientes do movimento nos organismos dos animais. Assim, é por tais elos que a geografia dos seres orgânicos – plantas e animais –

se liga com os esboços dos fenômenos inorgânicos de nosso globo terrestre” (Cosmos, Apud TATHAM, 1959: p. 216)

Vemo-la ainda na teoria biogeológica do metabolismo da vida, de Vernadski, também uma visão holística, assim resumida por Sahtouris:

Vernadski classificou a vida como uma “dispersão de rochas”, porque ele a entendia como um processo químico, que transformava rocha em matéria viva altamente ativa e vice-versa, fragmentando-a e movendo-a de um lado para outro em um processo cíclico infinito. A visão vernadskiana é apresentada neste livro como o conceito de vida na forma de rocha em reajuste, agrupando-se na forma de células, acelerando as radiações cósmicas em energia própria, transformando-se em criaturas cada vez mais evoluídas e voltando à forma rochosa. Esta visão de matéria viva como uma incessante transformação química da matéria planetária não-viva é bastante diferente da visão de vida desenvolvendo-se em um planeta inanimado, adaptando-se a ele. (SAHTURIS, 1991: p. 72)

E ainda na formulação que lhe dá James Lovelock, no âmbito das pesquisas encomendadas pela NASA sobre as possibilidades da existência de vida fora da Terra:

Então, o cientista inglês independente, James Lovelock, que trabalhou na NASA durante os trabalhos de busca por vida em Marte, desconhecendo o trabalho de Vernadski, chocou o mundo científico quando insinuou que o ambiente geológico não é apenas o produto e resíduo da vida passada, mas também uma criação ativa das criaturas vivas. Organismos vivos, declarou Lovelock, renovam e regulam continuamente o equilíbrio químico do ar, dos mares e do solo, de modo a assegurar a continuidade de sua existência. À idéia de que a vida cria e mantém condições ambientais precisas favoráveis à sua permanência, ele deu o nome de hipótese Gaia, por sugestão de seu vizinho em Cornwall, o romancista William Golding (idem: p. 72).

A mediação do trabalho por sua vez é encontrada, sobretudo, na matriz em Marx. Aqui, o trabalho é concebido como uma relação metabólica das forças naturais do homem com as demais forças naturais da natureza – a relação homem-meio dos geógrafos –, uma relação de troca que se dá intranatureza, e por isso traz em si a função ontológica da *auto-poiesis* do homem. Ponto central do conceito da sociabilidade, o trabalho, entretanto, nela atua como a “protoforma do ser social”, isto é, a fonte de origem das relações societárias e da própria sociedade como formação socioeconômica, mas que dele se autonomizam em algum ponto do movimento genético para ganhar forma em si própria de existência.

Aqui, o essencial é o que prende esta mediação ao conceito da natureza e do trabalho, ambos como fontes de valores-de-uso e assim potencializadoras no mercado do valor de troca. Um tema que está voltando à baila, mercê das transformações na base – as forças produtivas e as relações reguladoras de produção – do modo de produção capitalista, ensejando uma recriação de relações estruturais como a relação homem-meio, a relação capital-trabalho e a própria relação de recíproca regulação entre as forças produtivas e as relações de produção no âmbito do modo de produção, com efeitos sobre a forma e o conceito históricos do excedente e da mais-valia operária como a forma-chave de excedente sobre a qual se assenta a acumulação capitalista.

Estas duas formas de mediação atuam de forma combinada e repetitiva, fazendo do processo da integração um movimento contínuo de reprodução. De modo que a relação de reprodução é o ponto estruturante da sociabilidade, aparecendo de um lado como uma forma geral de mediação (é a categoria da regulação – papel das instituições, da política, da cultura e da técnica – e da diferença/diferenciação) e de outro como resultado (a própria sociedade em seu contínuo estado de permanência).

### **Os gêneros de vida**

O gênero de vida é um conceito criado por La Blache para analisar as formas de organização societária dos espaços anteriores à revolução industrial (SORRE, 1984). Max Sorre, Jean Gottman e Le Lannou aplicaram-no em suas investigações das sociedades já urbanas e industriais. E o economista Jean Fourrastié (1967) dele parte em suas investigações de como as categorias socioeconômicas de níveis de vida e produtividade intervêm determinando-o de diferentes modos e em diferentes âmbitos da sociedade industrial moderna.

Observa Sorre que o conceito de gênero de vida está habitualmente associado às sociedades de povos coletores, agricultores e criadores que vigiram como modos de vida até bem recentemente. Em cada um desses ambientes de vida, os homens estabeleciam uma forma de relação local com o meio ambiente local, mediada por uma cultura técnica nascida das experiências ambientais locais, tudo organizado numa forma de cooperação regulada por regras e normas nascidas também do âmbito histórico do grupo humano local.

Em muitos lugares, esses gêneros de vida simples se entrecruzam e se integram uns com os outros em um gênero de vida misto, dando origem com o tempo aos gêneros de vida complexos que irão constituir muitas das grandes civilizações do passado.

Foi sob essa forma de um gênero de vida simples ou de um complexo de gêneros de vida, que a humanidade, seja na forma de uma pequena ou de uma grande e extensiva comunidade, viveu e organizou o ecúmeno terrestre até o advento das sociedades técnicas modernas.

### **O meio técnico**

O meio técnico é o conceito com que Milton Santos analisa as sociedades técnicas modernas do presente, através de uma história do meio geográfico (“história das chamadas relações entre sociedade e natureza”) que divide em três formas: o meio natural, o meio técnico-científico e o meio técnico-científico e informacional (SANTOS, 1996).

O meio natural corresponde em Santos aos gêneros de vida, em particular os gêneros de vida simples, de La Blache. O meio técnico-científico corresponde às sociedades técnicas da primeira e da segunda revolução industrial, pondo-se para além da época dos gêneros de vida simples ou complexos e já traduzindo a desaparecimento destes na história. Já o meio técnico-científico e informacional designa as sociedades da fase avançada da segunda e inícios da terceira revolução industrial.

Estas fases correspondem igualmente à história das técnicas, das eras técnicas e das formas de espaço a estas últimas correspondentes enquanto modos de organização societária dos homens nos diferentes meios geográficos.

O período do meio natural corresponde ao gênero de vida simples de La Blache. Refere-se ao período da história do meio geográfico em que a forma societária dos homens determina um modo de vida que pouco se distingue das características e elementos do meio natural que o cerca. É o meio técnico das sociedades de coletores, agricultores e criadores dos primórdios da civilização. É que expressa a relação do homem com a natureza por meio do corpo, representando a ausência ou a fragilidade da técnica, e sendo assim conformadora de um espaço de “sistemas técnicos sem objetos técnicos”.

O período do meio técnico-científico é o do “espaço mecanizado”, em que o componente natural e o componente artificial coexistem e se equilibram aqui e ali de modo mais ou menos instável, do ponto de vista do efeito sobre o meio ambiente. Vêmo-lo como um conceito que corresponde aos gêneros de vida mistos de La Blache e ao momento de desaparecimento dos gêneros de vida, os mais simples e arcaicos primeiro e os mais complexos a seguir. É o período que marca, dado a carga de intencionalidade

que a técnica que o organiza transporta, o início de logicização das formas e relações de espaço que hoje conhecemos, uma lógica expressiva da lógica do mercado que organiza e conduz crescentemente a relação da técnica com os espaços que nascem do seu emprego e uso. É o período em que os gêneros de vida de antes são incorporados por uma divisão territorial de trabalho de escala espacial e de raio de abrangência seguidamente mais extensa, obrigados a aí se abrigarem como simples modos de atividades econômicas setorial e locacionalmente especializadas. As lógicas locais dos gêneros de vida dão lugar a uma lógica territorial às vezes vinda de fonte externa e distante, dando origem ao que Sorre em algum momento designou de *espaço derivado*.

O período do meio técnico-científico e informacional é o do espaço “das paisagens científicizadas e tecnicizadas”, em que “o componente internacional da divisão do trabalho”, já presente no período anterior, ganha expressão de modo de arranjo de espaço dominante, forjando a arrumação das sociedades no âmbito de uma divisão internacional do trabalho posta para além dos limites técnicos anteriores, agora abrangente de praticamente tudo. Os gêneros de vida do passado aqui e ali só sobrevivem mercê de uma certa resistência e quase que à guisa de “formas residuais” na história, enclausurados numa estrutura de escala geográfica em que a lógica dos espaços externos e a lógica dos espaços locais se confundem num híbrido.

É o processo da reprodução que chama a atenção central de Lukács ao debruçar-se no conceito da sociabilidade, dado perceber localizar-se visivelmente nesse ponto a mudança em curso no movimento geral da sociedade capitalista do seu tempo (problema também captado, em distintos momentos, por Rosa Luxemburgo e Henri Lefébvre). Uma reflexão crítica da teoria desse modo de produção em vista da necessidade de atualização dos conceitos assim fica posta.

### **De volta ao futuro: a sociabilidade e as tendências formais do espaço na nova era técnica**

O conceito de sociabilidade de Lukács é fruto da sua percepção de que as mudanças em curso relacionam-se à entrada do capitalismo numa forma de organização tecno-produtiva nova e diferente da que Marx e ele mesmo conhecera, e sua resposta à solicitação de um conseqüente retorno crítico-reflexivo aos conceitos e categorias chaves da compreensão da moderna sociedade do capitalismo, que já com a *Estética* vê como uma tarefa urgente e necessária.

Lukács não terá tempo de conhecer essa nova forma de organização (morre em 1971), mas pelos indícios já antevê referir-se a uma nova forma de relação geral da sociedade com a natureza, significando conseqüentemente uma forma nova para o metabolismo do trabalho.

Núcleo dessa nova base, a engenharia genética – a nova natureza da força produtiva – e a financeirização – o novo caráter da acumulação – se casam na construção-determinação dos termos novos do período de história em que agora estamos celeremente entrando (MOREIRA, 2002a e 2001; e BRAGA, 1998). O ponto dinâmico é a nova natureza das forças produtivas, a tecnologia da engenharia genética, que está vindo por conta da sua centração na técnica do DNA recombinante, fazendo da engenharia genética a espinha dorsal da nova era técnica e levando a terceira revolução industrial a entrar em cada vez maior número de novos ramos e revolucionando o papel da natureza e das relações societárias nos processamentos produtivos. Com isso caduca o modelo fabril de produção da primeira e segunda revolução industrial como matrizes da acumulação, introduzindo uma matriz nova que combina indústria e agricultura, e canaliza e aglutina os setores primário, secundário, terciário e quaternário num único complexo (de que os complexos agro-industriais seriam já uma demonstração-efeito) e sob o comando deste último. Muda, assim, o caráter das relações do homem com o meio, confere-se ao trabalho uma nova forma de metabolismo e introduz-se um sentido novo num naipe de temas essenciais do capitalismo que vai do modo de inserção do valor de uso no processo geral do valor até as formas novas de organização do espaço que lhe vêm em correspondência, reinventando-os.

Tudo isso afeta o plano do meio geográfico, tal como teorizado por Milton Santos. Fruto, porém, da intervenção da engenharia genética, eis por onde o velho conceito de gênero de vida de Paul Vidal La Blache parece voltar à cena. E é aqui que o conceito de sociabilidade também entra.

Desde o sentido metabólico mais amplo da relação do homem com a natureza até as formas do valor, promovendo novas formas de organização histórica para o capitalismo, para a relação capital-trabalho e em conseqüência para os parâmetros teóricos de apreensão do modo de produção e da formação social capitalista, tudo concorre para o surgimento de nova formatação do espaço nos anos futuros.

Lukács se dá conta de que a *Estética* não respondera a esta nova realidade, chama a atenção dos marxistas para a necessidade de uma obra analítico-global capaz de apreender o capitalismo da nova época (de que *Para Além do Capitalismo*, de

Mészáros é um retorno) e intenta ele mesmo realizá-la através da obra planejada sobre a ética. Dificulta-o não poder conhecer o novo modelo de forças produtivas apoiadas na tecnologia da engenharia genética e o novo modelo de acumulação apoiado na financeirização, e apenas os antever no modo como formula o seu conceito de sociabilidade, um conceito tão próximo dos conceitos geográficos de gênero de vida e de meio técnico.

O fato é que nessa formatação de espaço que está por vir, tudo parece indicar um retorno da organização geográfica das sociedades ao padrão multifacético e localmente ambientado dos gêneros de vida do tempo de La Blache, mas fazendo-o como o meio técnico-científico captado em seu tempo por Milton Santos. E isto por força da presença nuclear da engenharia genética na construção das novas formas.

A introdução da engenharia genética no núcleo central da terceira revolução industrial faz dessa nova era técnica um momento da reconstrução técnica dos espaços mais radical no poder modelador das formas e nos efeitos transformadores que os que vimos para as eras da primeira e sobretudo da segunda revolução industrial.

A técnica do DNA recombinante permite uma forma de relação das sociedades futuras com a natureza de características a um só tempo radical e curiosa. Ao invés da construção de uma civilização material centrada num padrão de produção e consumo de objetos de origem mineral, com todo o efeito devastador sobre as paisagens e o meio ambiente que conhecemos, a engenharia genética tende a levar-nos para uma civilização material construída à base de um padrão de produção e consumo de objetos de origem vegetal e animal, tal qual temos antes e ainda no tempo da primeira revolução industrial, com poder inclusive de reconstituir as paisagens destruídas pelo padrão técnico uniforme da segunda revolução industrial. E ao invés de espaços especializados e monointensivos, tende a levar para espaços de estruturas localmente complexas.

Teses como a da biodiversidade e do desenvolvimento sustentável, inspirando novas formas de atitude e percepção da natureza, novas formas de relação homem-meio e novas formas de práticas de arrumação dos espaços rurais e urbanos, já modelizam o modo de organização do meio geográfico por meio de experiências avançadas do tipo reserva extrativista, agricultura agroecológica e pluriatividade, indicativos de que o novo modelo matricial dos espaços já se faz presente.

Daí o apelo e a importância que adquirem as sociedades dos gêneros de vida descritas por La Blache ainda existentes nos dias atuais, preservadas mercê de infundadas lutas de resistência à sua extinção diante da avalanche destrutiva trazida pela divisão

territorial do trabalho da primeira e segunda revolução industrial, forçando-as a escolher entre sua incorporação subalterna a serviço de um processo de acumulação capitalista em escala mundial acelerada ou seu perecimento sumário como formas de relação societária e técnica ultrapassadas na história, e que agora se tornam objeto de atenção.

E daí o valor estratégico dessas comunidades no reenquadramento dos meios geográficos ora acontecendo, mercê sua experiência, conhecimentos e forma de relacionamento com o meio ambiente, tidos até então como cultura técnica atrasada e desprezados como modos de produção arcaicos, e agora recuperados e valorizados.

E daí o crescendo dos chamados conflitos de territorialidades e o papel do território como categoria analítica de nosso tempo.

### **O conceito de sociabilidade e as tarefas da geografia na nova era técnica**

O gênero de vida e o meio técnico são conceitos geográficos, a que o conceito de sociabilidade vem emprestar o sentido ontológico da formação do homem referenciado no trabalho. Juntos, gênero de vida, meio técnico e sociabilidade podem ser definidos como categorias analíticas dos espaços como modos espaciais de existência, âmbitos de modos de vida determinadores da formação do homem em diferentes tempos – isto é, geograficidades (MOREIRA, 2004a. e 2004b) –, uma vez estabeleçamos sua relação de correspondência com quadros de modos de produção distintos no longo do tempo, combinando-se gêneros de vida, modos de vida e modos de produção no âmbito de uma mesma teoria geográfica.

Os gêneros de vida, tanto os simples quanto os complexos, são modos de existência comunitários, formas de organização societária e, pois, modos de vida organizados num modo de produção comunitarista, dominante e pluralizado em suas formas no passado, e em muitos lugares e povos ainda hoje presentes. O mesmo se pode dizer do meio natural/pré-técnico, ao passo que o meio técnico-científico corresponde ora ao modo de produção mercantil simples e ora já ao modo de produção capitalista atrasado (para usarmos a nomenclatura de Mandel), e o meio técnico-científico e informacional corresponde ao modo de produção do capitalismo avançado. Importa considerar que há em cada um desses quadros uma formalidade precisa de sociabilidade, um modo definido e espaço-temporalmente estabelecido de processo de hominização do homem que só num ou noutro alcança a plenitude da formação do homem.

Como que numa ironia com a teoria dos resíduos da história, as sociedades de gêneros de vida comunitários e mercantis simples ganham assim uma atualidade e importância inusitadas no presente. Sua experiência secular de organizar modos de vida dos homens a partir de meios e gêneros geográficos pertinentes e o valor estratégico que isto lhes confere, fazem do seu estudo e mapeamento um projeto e uma tarefa inadiáveis. Não por acaso, são essas sociedades – por que não chamá-las territoriais – que têm sustentado o embate com a matriz espaço-territorial do capitalismo com maior contundência, ultrapassando em radicalidade as ações dos movimentos de lutas de classes urbano-industriais que até então teoricamente eram chamados para a frente dos confrontos.

Tal radicalidade se deve a alguns pontos, que aqui só enumeramos. Primeiramente, a mudança no paradigma de matérias-primas que a concentração das forças produtivas na engenharia genética implica. A técnica do DNA recombinante desloca os processos produtivos para um uso crescente dos recursos genéticos como fonte de produção para uma diversidade crescente de produtos, nos quais as matérias primas minerais, paradigmáticas da era técnica da segunda revolução industrial, paulatinamente são substituídas pelas geradas em laboratórios a partir da manipulação genética. Em segundo lugar, esta mudança paradigmática significando uma nova forma de relação homem-meio reinventa a natureza e o trabalho como fontes de valor-de-uso, incorporando formas de excedente até então dispensadas como tal pelo processo de acumulação, trazendo essas comunidades de volta para o mundo do trabalho e estabelecendo com elas uma forma insuspeitada de relação capital-trabalho. Em terceiro, por fim, o capital recupera e reinventa com isso a terra como meio de produção de valor para além da relação de renda fundiária, amplificando as frentes de conflito capital-trabalho para além das frações de classes urbanas, e com isso originando uma forma nova de confronto tendo desta vez o conflito de territorialidades como ponto de partida (MOREIRA, 2002b).

A entrada numa fase de recriação do meio geográfico em seu papel de organizar e regular a sociedade da terceira era técnica em novos planos com referência em novos paradigmas formais de espaço-tempo e de relação homem-meio, confere à geografia um privilégio.

Tudo indica que as formas de meio geográfico por séculos praticadas por estas comunidades serão chamadas a inspirar as formas de meio geográfico novas do espaço capitalista. A participar de um processo de reelaboração espacial que será uma espécie

de retorno a formas passadas de organização dos espaços, mas todavia centradas no uso de uma tecnologia nova, altamente desenvolvida e sofisticada, porque fundada na pesquisa, desenvolvimento e aplicação em escala generalizada da tecnologia de ponta da engenharia genética e da informática. O que já vemos praticada nos grandes espaços organizados pelos complexos agro e inter-industriais (complexos que unem os quatro setores ao redor da fusão da agricultura com a indústria (MOREIRA, 2004c) – os chamados complexos agroindustriais –, no tocante ao emprego da engenharia genética, ou que os unem ao redor da fusão de empresas gerenciadas pelo mecanismo da securitização/financeirização (BRAGA, 1998) – como os complexos de financiamento/venda de automóveis –, no tocante ao uso da informática na organização dos processos do just-in-time). E cujo resultado poderá ser uma espécie de *mix* do gênero de vida, analisado por La Blache, e meio técnico-científico, como o analisado para os espaços da era técnica da segunda revolução industrial por Milton Santos. Um meio técnico-científico e biorreferenciado, como o poderíamos chamar talvez.

Desafio é pensar como seria a nova divisão territorial dessa forma nova de meio geográfico. Se prevalecer o poder de determinação integrado das formas da engenharia genética e da informática – a capacidade da engenharia genética de organizar os espaços com referência nos biomas, sua possibilidade concreta de recuperação dos meios ambientes a partir da recuperação das suas antigas coberturas vegetacionais destruídas, sua vocação de biodiversidade, e a capacidade e o poder similares de articulação e integração em escala dos diferentes pedaços de espaço da informática –, pode-se imaginar uma divisão territorial de trabalho integradora não mais de espaços distintos e dissociados pelas especialidades, mas por complexos de estruturas de espaços, diversificados e integrados internamente e externamente múltiplos e diferenciados, espaços de complexidade, a exemplo do modelo natural dos ecossistemas, não mais espaços de simplicidade.

Isto significaria articular estes espaços de complexidade numa forma de divisão territorial de trabalho em escala de rede global, como hoje já vemos estruturada, mas configurada nos termos hettnerianos de diferenciação de áreas, um espaço global-diferenciado, autônomo-integrado, garantido nessa contraditória unicidade-diferença pelo estágio atual dos meios de transferência (meios de transporte, meios de comunicação e meios de transmissão de energia), que em muitos pontos lembraria as matrizes regionais do passado, numa sensação de um novo meio geográfico construído como num retorno “de volta ao futuro” (MOREIRA, 1997).

A intervenção da pesquisa geográfica faz-se necessária talvez pela tendência dessas formas poderem caminhar para duas possíveis direções opostas e distintas, a depender dos sujeitos sociais que a orientem. Uma, a apontada pelos complexos. Outra, a apontada pelo próprio movimento de resistência dessas comunidades. Um duplo de rumos possíveis do momento atual da história, presente claramente nos conflitos de territorialidades, na importância analítica que adquire a categoria do espaço-territorial e no papel que a resistência das culturas neste momento adquire nas lutas políticas (a luta política resolvendo-se por outros meios, os meios em que o problema político se faz mais presente, como o econômico foi/é até agora para as lutas das classes urbanas).

Tal como num longo arco de retorno aos tempos da Internacional dos Trabalhadores, em que um naipe amplo de segmentos – então considerados todos sujeitos do trabalho, sem as restrições que trabalho e mundo do trabalho ganharão no seio das internacionais subsequentes, onde respectivamente significarão operários fabris e espaço da fábrica – se uniam numa luta pela emancipação do trabalho, estas comunidades “residuais” unem suas pautas com as das frações sociais dos segmentos urbanos até então tomados como sujeitos portadores únicos de projetos possíveis de transformação da sociedade na história, e pedem que se repense o sentido ontológico de sociabilidade que a une todas elas, dado que comunidades e frações de classes urbanas voltam a ter em comum a condição do trabalho por trás das diferenças existentes entre elas (MOREIRA, 2002b.).

Mapear as formas dos meios geográficos – dessas comunidades de gêneros de vida sobreviventes do passado e dos espaços de complexidade biorreferenciados hoje em curso de formação acelerada – no conceito crítico de sociabilidade, bem pode ser a reafirmação da posição radicalmente a favor de uma sociedade dos homens auto-emancipados que o momento do presente de novo privilegia. Um mapeamento para cuja tarefa (talvez só) a geografia está plenamente habilitada.

**BIBLIOGRAFIA**

- ALTVATER, Elmar. 1995. *O Preço da Riqueza. Pilhagem ambiental e a nova (des)ordem mundial*. São Paulo: Editora da Unesp
- BRAGA, J. C. S. 1998. Financeirização Global – o padrão sistêmico de riqueza do capitalismo contemporâneo. In TAVARES, M. C. e FIORI, J. L. (orgs), *Poder e dinheiro (uma economia política da globalização)*. Rio de Janeiro: Editora Vozes
- GIANNOTTI, José Arhur. 1983. *Trabalho e Reflexão. Ensaio para uma dialética da sociabilidade*. São Paulo: Editora Brasiliense
- LEFF, Enrique. 2000. *Ecologia, Capital e Cultura. Racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Blumenau: Edifurb
- LESSA, Sérgio. 1997. *A Ontologia de Lukács*. 2ª. edição. Maceió: Edufal
- LUKÁCS, Georg. 1979a. Princípios ontológicos fundamentais de Marx. In *Ontologia do ser social*. São Paulo: Editora Ciências Humanas
- \_\_\_\_\_. 1979b. A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel. In *Ontologia do ser social*. São Paulo: Editora Ciências Humanas
- MÉSZÁROS, István. 2002. *Para Além do Capital. Ruma a uma teoria da transição*. São Paulo/Campinas: Boitempo Editorial/Editora da Unicamp
- MOREIRA, Ruy. 2004a. Marxismo e geografia. A geograficidade e o diálogo das ontologias. In *GEOgraphia*, ano VI, no. 11. Niterói: PPGEU/UFF
- \_\_\_\_\_. 2004b. Ser-tão. O universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa (um ensaio sobre a geograficidade do espaço brasileiro). In *Revista Ciência Geográfica*, ano X, vol X, no 3 (27). Bauru: AGB-Seção Local
- \_\_\_\_\_. 2004c. A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro. In LIMONAD, HAESBAERT e MOREIRA (orgs). *Brasil Século XXI, por uma nova globalização*. Niterói: Editora Max Limonad/PPGEO
- \_\_\_\_\_. 2002a. Os quatro modelos de espaço-tempo e a reestruturação. In revista *GEOgraphia*, ano IV, no. 7. Niterói: PPGEU
- \_\_\_\_\_. 2002b. Teses para uma Geografia do Trabalho. In *Revista Ciência Geográfica*, ano VIII, vol. II, no. 22. Bauru: Seção Local da AGB
- \_\_\_\_\_. 2001. As novas noções do mundo (geográfico) do trabalho. In *Revista Ciência Geográfica*, ano VII, vol. III, no. 20. Bauru: Seção Local da AGB

- \_\_\_\_\_. 1997. Da região à rede e ao lugar – a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. In *Revista Espaço Geográfico* no. 6. Bauru: AGB-Seção Local (reeditado com redação revista como capítulo 5, de *O Círculo e a Espiral – Para a crítica da geografia que se ensina I* – Niterói: Edições AGB-Niterói, 2004)
- SAHTOURIS, Elisabet. 1991. *Gaia – Do caos ao cosmos*. São Paulo: Editora Interação
- SANTOS, Milton. 1996. *A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Editora Hucitec
- SILVA JÚNIOR, João Reis e GONZÁLES, Jorge Luís Cammarano. 2001. *Formação e Trabalho – uma abordagem ontológica da sociabilidade*. São Paulo: Xamã Editora
- SORRE, Max. 1984. A noção de gênero de vida e sua evolução. In MEGALE, Januário Francisco (org.). *Max. Sorre*. São Paulo: Editora Ática.
- TATHAM, George, 1959. A geografia do novecientos. In *Boletim Geográfico*, ano XVII, no. 150. Rio de Janeiro: IBGE